

Ele gostava de viver. Não tinha medo de nada. Com ele tudo era possível.

Tinha uma carrinha Bedford, branca, na qual transportava os materiais da eletricidade; cabos, tubos, maquinaria. Na altura, só quem morava no mato é que tinha jipe.

Quando decidia que íamos passear — e decidia-o muitas vezes, a minha mãe tremia. Era certo que o passeio ia acabar connosco perdidos ou acidentados num qualquer fim de mundo, tendo de procurar, a pé, cantinas ou palhotas para pedir ajuda. Enterrávamo-nos ou o carro gripava ao atravessar um riacho ou embatia numa pedra ou num buraco fundo e partia-se o eixo ou acabava-se a gasolina... Eu e a minha mãe dizíamos-lhe “não passa!”. E ele, “vocês vão ver!”. E víamos! Daquele sítio em concreto víamos horas de paisagem! Terra, areia, lama. Folhas e casca de bananeira ou palmeira para entalar debaixo das rodas, “e agora vou ver se pega”. Seguia-se o “agora, chovar*”, tudo a chovar”. Tudo era eu e a minha mãe, com ele à direção.

Findos os preâmbulos dos ineficazes primeiros-socorros mecânicos, o meu pai metia-se pelo mato dentro e desencantava alguém, em alguma palhota, para vir empurrar, desenrascar o

* Empurrar.

branco por uma gorjeta. Eu bendizia sempre essa gente recrutada à força, que para mim surgia do meio das árvores como se viesse do céu.

Saindo da cidade, os lugares podiam tornar-se selvagens e inabitados por quilômetros e quilômetros. Eu e a minha mãe temíamos a noite, e só pensávamos em como sair dos apuros em que o meu pai nos metera por ter descoberto uma estrada que “de certeza devia ir dar a qualquer sítio”. O homem era assim.

Era África, inflamante, sensual e livre. Sentia-se crescer por debaixo dos pés. Tremia. Um coração inchado. Era vermelha. Cheirava a terra molhada, a terra mexida, a terra queimada, e cheirava sempre.

Não é que não apreciasse os passeios do meu pai, mas tinha medo. Era criança. Não era o filho homem que desejou. Gostaria que tivesse sido possível o meu pai viver o suficiente para podermos repeti-lo sendo adulta, capaz, mas não sei se lhe seria possível regressar a África, apesar de ter sido a única terra que amou. Nos dias que antecederam a sua morte ainda sonhava andar a fazer umas instalações nuns prédios da Sommershield.

O meu pai nunca amou outra terra. Nos meus sonhos, os caminhos são também, ainda, picadas de terra vermelha batida.



Na primeira frase ele tinha escrito, “Esta foto foi tirada na machamba do [não se percebia o nome] num domingo em que se matou um cabrito...”.

Li a sua caligrafia perfeita, clara, legível. As habituais chaves com apartes informativos, sobre segmentos de algumas frases. Vi a mancha de tinta velha, esborratada pelo tempo.

Tinha ocupado todo o verso da foto com informação registada em caligrafia miúda.

Eis-me perante uma foto que contemplo com fascínio, mas sobre a qual nada sei.

Imagino que tenha sido tirada na machamba de um amigo que se estabelecera umas boas centenas de quilómetros acima de Lourenço Marques, algures no meio do mato. Tinha uma cantina ou vivia da agricultura, ou ambas. Seria lá para o Chibuto ou para Inharrime. Chegava-se por estradas de terra batida. O costume.

Ao domingo, a minha mãe calçava-me sapatos fechados de verniz, com fivela. Enfiava-me, pela cabeça, vestidos confeccionados por si com tecidos duros, ásperos, comprados no John Orr’s, que me picavam os braços e o corpinho todo. Calçava-me boas meias brancas, de renda. Todo um guarda-roupa de princesa sob um calor húmido de trinta e muitos graus.

Uma princesa na picada, rodeada de mato. Um desvio. A estrada para a casa do machambeiro. No meio da picada, a princesa de tule.

Aos domingos, submetia-me ao sacrifício. Sabia que era temporário. Sabia que um dia seria adulta e me livraria dos fins de semana composta. Quando fosse adulta estaria sozinha na minha casa e só faria o que valesse a pena. Pensava isto exatamente como o escrevo.

A terra era boa, mas era boa porque estava nua. A picada, a machamba, o mato. Todos nus.

O machambeiro da foto, com botas altas, chapéu branco colonial, manchado de pó, seria contrerrâneo das Caldas ou conhecimento que o meu pai fizera nos tempos de solteiro?, quando, ao chegar a Lourenço Marques, foi viver para a pensão da dona Pureza, paradoro de muitos colonos nessa situação?

Costumava mostrar-me a pensão, ao longe, de passagem. “Vês, ali?! Foi onde fiquei à chegada. Grandes tempos! A Pureza não era grande cozinheira, mas foi-se fazendo. Elogiava-lhe todas as refeições, e quando mais a elogiava, mais ela se apurava. Aprende como se faz!” E ria. A minha mãe virava a cara, fazia orelhas moucas e evitava referências que remontassem ao tempo em que ela ainda não chegara, casada pela procuração, e ele andava à solta e putanheiro, bem lho tinham contado, sempre com pretas para aqui e para ali. A pensão da dona Pureza, esse tempo da vida do meu pai, tudo para apagar.

A filha mais velha do machambeiro foi estudar para Lourenço Marques e ficou hospedada em nossa casa. Tenho uma ideia vaga sobre uma linda rapariga com longos cabelos castanhos, presos com uma fita clara; olhos modestos e doces, de bebé, e um irmãozinho tão mais novo que parecia seu filho.

Quando acabou os estudos regressou ao mato, nunca mais se ouviu falar dela, e eu não estranharia se por lá estivesse ainda. Os machambeiros e cantineiros isolados aguentaram-se melhor,

após a independência, que os restantes colonos. Tinham criado uma rede de apoios muito forte entre os locais.

Reconstruo esta foto a partir do total vazio de memória: era domingo, o machambeiro tinha mandado os pretos, que não estão na foto, matar um cabrito e amanhã-lo. A mulher fez com ele um grande guisado à moda da terra de onde tinha vindo. O meu pai levava uns garrações de pinga da metrópole, da boa.

É muita gente. Sorriem. Os homens sentam-se na mesa dos homens. As mulheres, na das mulheres. Equilibram-se informalmente sobre caixas de madeira e barricas de vinho e azeite, à falta de cadeiras. Eram pobres, mas viviam muito melhor que na metrópole. Eram, como dizia o meu pai, remediados. Tinha cuidado especial em lembrar-mo. “Nós não somos ricos, somos remediados.”

A comida abundava, bem como o trabalho. Falavam muito das suas terras, mas não queriam regressar. Estavam bem. Estavam felizes. Ao domingo pegavam nos carros e conduziam quatrocentos quilómetros para norte ou sul para almoçar num sítio que não conheciam, mas que devia ser lá longe, sempre em frente. Na machamba, longe.

E depois esse tempo acabou, de repente, como um relâmpago rachando a planície.